

Cidades

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT

OS NÚMEROS

300
veículos
estavam no
Grand Parc

280
automóveis
aguardam
remoção

90%
dos automóveis
estavam
segurados



VEÍCULOS que estavam sob os escombros do condomínio Grand Parc, na Enseada do Suá, desde julho do ano passado, ficaram completamente destruídos

GRAND PARC

Carros viram sucata em condomínio de luxo

Pelo menos 20 veículos que estavam sob os escombros do Grand Parc foram retirados. Há ainda mais 280 para serem removidos

Weslei Radavelli

Quinze dias depois de iniciados os trabalhos de remoção dos escombros do condomínio Grand Parc Residencial Resort, na Enseada do Suá, em Vitória, diversos automóveis foram retirados em estado de sucata.

Pelo menos 20 carros, totalmente destruídos, foram removidos nos últimos três dias, após a conclusão parcial da perícia.

Todo o trabalho de investigação está sendo feito por técnicos de seis equipes: Polícia Civil, Incorporadora Cyrella, Incortel Incorporações, empresa MCA Tecnologia de Estruturas, uma empresa contratada pelo condomínio Grand Parc e a seguradora Allianz. Esta equipe elaborou um plano de remoção, para definir o cronograma das atividades que serão executadas.

Ao todo, mais de 300 veículos estavam no condomínio no momento do desmoronamento, ocorrido em 19 de julho do ano passado. Dentre eles estavam carros de

luxo, de marcas como Mercedes, BMW, Audi e Land Rover.

Cerca de 90% dos automóveis eram segurados e os proprietários já foram indenizados. Os veículos destruídos serão levados para um depósito temporário, até a remoção por parte das seguradoras. A remoção dos 280 veículos, que ainda estão sob os escombros, deve acontecer nos próximos quatro meses.

Segundo estimativa do grupo de moradores, que acompanha as intervenções, ainda serão necessá-

rios mais quatro meses para que todos os veículos sejam retirados.

“Só estão sendo retirados os veículos de áreas já liberadas, a partir de um plano de remoção elaborado em conjunto com a incorporadora. Essa remoção tem o objetivo de facilitar o trabalho dos peritos. Ao todo, são seis equipes atuando em conjunto”, explicou o porta-voz da comissão de moradores do Grand Parc, José Gama de Christo.

As causas que podem ter levado ao desabamento da área de lazer do

condomínio, bem como as responsabilidades civis, criminais – já que houve a morte do porteiro Dejair das Neves, 47 – e financeiras só serão apontadas a partir do relatório final do trabalho da perícia.

O porta-voz explicou que, a partir da conclusão da perícia, as partes envolvidas (moradores, incorporadora e empresas) irão discutir os termos de reconstrução do condomínio, em que serão listadas as responsabilidades de cada parte e os prazos para execução das obras.



JOSÉ CRISTO: investigação

Perícia vai levar pelo menos mais 6 meses para ser concluída

O trabalho da perícia no condomínio Grand Parc Residencial Resort levará, pelo menos, mais seis meses para ser concluído, sendo que os dois últimos meses serão destinados apenas para a elaboração de laudos e relatórios.

Durante esse período, peritos da Polícia Civil e técnicos das empresas, inclusive da contratada pelo condomínio, vão analisar toda a estrutura atingida pelo desmoronamento – piscina, hall de entrada, salão de festas e portaria principal. Também serão analisadas as condições físicas da sustentação dos prédios, para garantir a segurança dos moradores.

O porta-voz da comissão, José Christo, explicou que esse trabalho visa identificar o que pode ter provocado o desabamento e, ainda, apontar os pontos que precisarão passar por reformas.

“Estamos aproveitando esse período para fazer um ‘ultrassom’ em toda a estrutura do condomínio, para que tenhamos condições de segurança para retornar às nossas casas. Vamos rever todos os pontos que não foram contemplados, ao longo dos cinco anos de construção do empreendimento.”

José Christo informou ainda que a comissão não dará detalhes sobre o andamento da perícia, para não prejudicar os trabalhos que vem sendo realizados.

A Polícia Civil afirmou, em nota, que o trabalho de perícia foi retomado, depois que a Justiça devolveu a decisão de interdição do local do acidente. “Não há prazo para o fim da perícia. Sobre os resultados até aqui, a Polícia informou que só vai se manifestar após a conclusão das investigações.”

“Vamos rever todos os pontos que não foram contemplados, ao longo dos cinco anos de construção do empreendimento”

José Christo, porta-voz da comissão de moradores do Grand Parc

DESTRUIÇÃO



OS VEÍCULOS retirados dos escombros ficaram irreconhecíveis. Vários objetos pessoais dos proprietários foram perdidos.



ÁREAS DE CIRCULAÇÃO do condomínio e garagem superior foram totalmente destruídas com o desmoronamento.

Cidades

GRAND PARC

Moradores poderão voltar em 2 anos e meio

Os moradores do condomínio Grand Parc Residencial Resort, na Enseada do Suá, contam com uma previsão de quando poderão voltar aos seus imóveis. De acordo com a comissão de moradores, há uma expectativa de que as famílias possam retornar aos apartamentos entre dois anos e dois anos e meio.

Esse prazo foi estipulado diante do cronograma de conclusão de todos os trabalhos, incluindo a retirada de todos os escombros e reconstrução das áreas destruídas, como garagem e portarias.

Quem analisa a possibilidade de voltar para seu apartamento é a jornalista Carla Einsfeld, 31. Ao lado do marido e do filho, hoje com 11 meses, ela relembra com alegria os momentos que passou com a família no condomínio.

“Tenho muitas saudades do meu apartamento, dos meus vizinhos, do quarto que planejamos para o meu filho, da área de lazer... acredito que voltaremos para lá sim. Tendo segurança, sim”, afirmou.

Já a analista judiciária Flávia Araújo, 46, disse que ainda não decidiu se voltará ou não para o condomínio. Ela lamentou o tempo que tem de permanecer fora do apartamento, sem usufruir dos benefícios do imóvel que comprou.

“Escolhi o condomínio pela área de lazer e conforto que meu filho poderia ter, mas ele não poderá curtir. Pela previsão dada, se voltarmos para lá, meu filho ainda será criança, mas não irá aproveitar o quanto poderia”, lamentou.

Flávia lembrou as dificuldades que teve para se organizar, após o acidente no prédio. “Ficamos um mês hospedados em um hotel, enquanto procurávamos onde morar. Foi tudo muito rápido, não dava para pensar muito. Acabamos voltando para um apartamento que eu tinha, mas tive de

SONHO

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT



“Quero voltar para a minha casa”

Uma das moradoras que já projeta a volta para casa é a jornalista Patrícia Mosé. Ela fala que, em nenhum momento, pensou em abrir mão de seu imóvel.

“Morar aqui foi um sonho, que minha família e eu conseguimos realizar. Agora, quero repetir o sonho que é voltar para o nosso apartamento”, afirmou.

Além de não poder estar no imóvel que planejou morar, a jornalista foi uma das proprietárias que teve o seu carro destruído no desmoronamento da área de lazer.

“Olhar para toda essa destruição me dá uma tristeza muito grande, mas eu sinto um conforto em saber que não havia ninguém dentro destes carros”, acrescentou.

comprar muita coisa de novo.”

Sobre os pertences pessoais, como móveis e outros objetos que ainda estão nos imóveis, o porta-voz da comissão, José Gama de Christo, explicou que, gradativamente, as famílias estão sendo au-

torizadas a visitar os apartamentos e retirar alguns objetos pessoais.

“As visitas continuam acontecendo, de acordo com uma escala, para que os pertences sejam retirados. Essas visitas ficam a cargo de cada família”, explicou Christo.

Diálogo com a construtora

Desde o acidente no condomínio de luxo na Enseada do Suá, ocorrido em julho do ano passado, mais de 160 famílias ficaram desalojadas. Com as torres do Grand Parc Residencial Resort interditadas, as famílias foram remanejadas para hotéis enquanto procuravam outro imóvel para morar.

Como forma de compensação ao dano causado, alguns moradores estão recebendo auxílio para custear o aluguel da nova moradia.

Em meio ao transtorno provocado pelo desabamento, as famílias têm mantido um bom relacionamento com a incorporadora Cyrella, de acordo com avaliação do porta-voz do grupo de moradores, José Christo.

“Até aqui, todas as reivindicações estão sendo apresentadas no coletivo, por essa comissão de moradores. Isso evitou que ações judiciais individuais fossem apre-



MÁQUINA é usada para retirar escombros: 160 famílias ficaram desalojadas

sentadas, melhorando o diálogo com a incorporadora. Estamos em busca de um direito coletivo”, afirmou o porta-voz.

Em nota, a incorporadora Cyrella informou que os acordos de hospedagem foram fechados de modo individual, com cada família. A empresa, no entanto, não detalhou quantas famílias estão recebendo esse auxílio e quais são os

valores para custear as novas moradias.

A incorporadora afirmou ainda que “foram tomadas as providências para garantir a segurança e preservação do local e dos apartamentos”.

Por fim, a Cyrella reforçou que está à disposição das autoridades e colaborando integralmente para apuração dos fatos.